

apresentação

Há literatura quando os gêneros poéticos e as artes poéticas cedem lugar ao ato indiferenciado e à arte sempre singular de escrever.

Jacques Rancière

Os textos reunidos no dossiê deste número da *Aletria* investigam a questão dos gêneros literários a partir da Modernidade ou, nas palavras de Rancière, o que se tornou problema desde a “revolução romântica”, momento em que, “a literatura pôde se colocar como uma experiência e uma prática autônomas da linguagem”.¹ Em composição mosaica, os artigos direcionam o olhar crítico para o fragmento, para o hibridismo das formas narrativas, dramáticas e poéticas, nelas ressaltando a porosidade dos limiares e fronteiras entre os gêneros literários e entre a literatura e a vida.

Sob uma mesma rubrica, alinham-se cinco trabalhos que estudam o romance moderno e contemporâneo em suas múltiplas transformações. Ana Paula Brandileone e Mariângela Alonso debatem “o deslocamento e a subversão dos conceitos mais tradicionais de gêneros literários, a partir dos contos ‘Pega ela’, de Ferréz, e ‘Justiça’ de Claudio Galperin”. No artigo de Fabrício Moraes, são apresentadas e discutidas “as transformações formais e circunstâncias históricas e culturais que contribuíram ou determinaram as discussões críticas sobre a ‘morte do romance’”. Renan Ji, por sua vez, apresenta “uma releitura do romance *O vermelho e o negro*, de Stendhal, considerando a teatralidade como fator temático e procedimento narrativo”. Renan Salmistraro “analisa duas hipóteses distintas a respeito do desenvolvimento histórico do romance no Ocidente”, em que se destaca o conhecido estudo *A ascensão do romance*, de Ian Watt, em contraponto com as reflexões de M. A. Doody (*The True Story of the Novel: an Alternative History*) e Michael McKeon (*The Origins of the English Novel 1600-1740*), que apontam “para uma ‘história alternativa’ do romance, baseados no pressuposto de um desenvolvimento mais amplo da prosa de ficção, que remeteria aos textos da antiguidade e dos países orientais”. O ensaio de Tauan Tinti parte “do contraste entre as leituras de Moretti e de Rancière

¹ RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. Tradução de Raquel Ramalhete et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. p. 26.

sobre as transformações sociais expressadas pela forma narrativa de Flaubert” para defender a sua “hipótese de que Wallace busca transmitir por meio de sua ficção um aprendizado da atenção – na base da respiração narrativa da prosa do século XIX –, que entra em dissonância com as transformações sofridas pela técnica no decurso do processo histórico desde então”.

Num outro conjunto de indagações sobre o hibridismo dos gêneros literários na Modernidade, salientam-se dois artigos sobre as passagens em que se desarticulam e se reinventam as dimensões da narrativa, da poesia e da autobiografia. No primeiro, deles, Cátia Sever pretende “mostrar em que medida podemos ler a novela de Mário de Sá-Carneiro ‘Eu-próprio o outro’ como um texto transgressivo”, no limiar entre os fragmentos de uma narrativa desconstruída e um sujeito ficcional “autorrepresentado”. Tendo como referências teóricas as noções de “pacto autobiográfico de Lejeune [...]; de erotismo e escritura, de Barthes [...]; e de abjeção e significação, de Kristeva”, Livia Bertges e Vinicius Pereira propõem “uma leitura dos textos que compõem a série ‘Começo’ na obra homônima de Nathalie Quintane”, como forma intervalar entre a autobiografia e a poesia, na qual destaca-se um percurso simultâneo de “formação e deformação da primeira pessoa discursiva”.

Alinhados pelo tema das relações entre literatura e outras mídias, e literatura e teatro, encontram-se dois trabalhos: o de Maria Segabinazi, Renata de Souza e Valnikson de Oliveira, que projeta novas possibilidades de leitura das literaturas infantojuvenis, textos nem sempre compreendidos na sua complexidade estética; e o de Jozefh Fernando Queiroz, que procura entender o funcionamento d’“A crônica da cidade em ‘Macanudo’, de Liniers”, forma narrativa “que atrela quadrinhos, literatura e jornalismo”, recorrendo a teóricos destes três campos. Fernando Viotti atualiza a questão do campo expandido da literatura, tomando como central o recente debate desencadeado pela concessão do Nobel de Literatura a Bob Dylan em 2016; já Francine Ricieri examina o modo como Dominique Combe “explora o conceito de ‘Poème’, em sua ocorrência na tradição poética francesa, entre os séculos XIX e XX”, buscando revelar a pertinência de algumas dessas considerações “para pensar poemas e poetas” do período “também no Brasil”. Por fim, Giovanna Araújo, partindo das proposições teóricas de Vladimir Propp e Henri Bergson, discorre sobre “a mescla de gêneros no interior da estética do drama romântico, a partir da presença da comicidade na peça Gonzaga ou a Revolução de Minas (1876) de Castro Alves”.

Jacyntho José Lins Brandão

Joana Muylaert de Araújo